

O DUPLO HIMBA E SOFIA EM *SE O PASSADO NÃO TIVESSE ASAS*

The double Himba e Sofia in Se o passado não tivesse asas

Renata Cristine Gomes de Souza

renatacgs@id.uff.br

<https://orcid.org/0000-0001-7830-4571>

Resumo: O romance *Se o passado não tivesse asas* apresenta dois cenários históricos que são resultado de um grande processo: o período da guerra civil e um período em que as guerras já tinham findado. Em espelhamento, passado e presente constroem a história, desse modo com a apresentação desses dois momentos da história do país, há a junção de duas tramas que a princípio parecem inconciliáveis, mas que são formadoras de uma só trajetória. As ações de Sofia são reflexos desses dois momentos. No presente trabalho, analisaremos como a sua trajetória faz com que ela se adapte à vida que lhe destinada e como sobrevive nos meios em que se insere ou é inserida.

Palavras-chave: Utopia. Trauma. Violências.

Abstract: The novel *Se o passado não tivesse asas* presents two historical scenarios that are the result of circumstances: the period of civil war and a period when wars had already ended. In mirroring, past and present they build history, so with the presentation of these two moments in the country's history, there is the junction of two plots that at first seem irreconcilable, but which form a single trajectory. Sofia's actions reflect these two moments. In the present paper, we will analyze how this trajectory makes it adapt to the life it was destined for and how it survives in the environments in which it is inserted or inserted.

Keywords: Utopia. Trauma. Violence.

Passado e Presente

O romance *Se o passado não tivesse asas* foi publicado por Pepetela, no ano de 2016. A narrativa retrata a Angola contemporânea, protagonizada pelos herdeiros da nação livre. O romance aborda uma série de questões, dentre elas estão: qual é a relação entre tais personagens e a história recente de Angola? Como país e indivíduos constroem-se mutuamente? Assim, no entremeio das questões de construção dos indivíduos e da relação do romance com a história, chegamos à questão que aqui nos interessa: que tipo de indivíduo essa narrativa, que reconstitui uma parte recente da história, pode apresentar? Segundo a análise desses personagens, há possibilidade de utopia?

Renata Cristine Gomes de Souza

No presente trabalho pretendemos ver como a relação história e literatura é importante na composição da protagonista do romance estudado. No período histórico representado, a desilusão e a desesperança são construtores dos personagens, que passam a ser regidos pela sobrevivência e pela conveniência. As identidades apresentadas no romance são um reflexo do seu tempo e se reconstruem ao longo do texto juntamente à história e à sociedade, reagindo mediante as condições às quais estão expostas.

A respeito da produção literária de Pepetela, Robson Dutra afirma que “sua escrita empreende um profundo mergulho em questões não apenas literárias, mas também históricas, antropológicas, sociológicas e culturais dos povos que compõem Angola e sua relação com os diversos momentos que sua obra aborda.” (DUTRA,2003 p.55). É na relação com a história que os conflitos e as condicionantes que definem o rumo da narrativa se darão. Assim, a história não aparece só como pano de fundo, ela é o argumento e o que impulsiona a construção das trajetórias apresentadas. O título do romance nos mostra que o passado é representativo na trama e na vida dos personagens. Há um ar de sugestão no título, com o uso do termo condicional “se”, o que traz a ideia de que a história do país é definidora da trama. Sabendo que as asas do passado conduzem o sujeito, é a partir do que aconteceu no anteriormente que o presente se constrói., assim na vida dos personagens há um passado impiedoso e um presente tranquilo, mas que traz reflexos do que já passou.

O narrador apresenta dois momentos da história angolana, um no passado próximo e um no presente. Para tal – fugindo da estratégia de escrever narrativas que retomam o momento das lutas de libertação e independência ou de um passado mítico, como vemos em *Geração da Utopia*, *A gloriosa Família*, *Lueji* e *O planalto de a Estepe* – Pepetela retoma o período da guerra civil. O romance retoma um período próximo, mostrando que o povo angolano é resultado desse país partido, desse país em guerra em que viver é resistir.

O autor trata de um novo tempo, no qual não há uma identidade única que represente o angolano, há perfis múltiplos e mutáveis, que lidam com as intempéries e com a sua história e com a História de formas distintas. Apesar de viverem na mesma nação em um mesmo período temporal, as determinantes históricas que incidem sobre a trajetória de cada um fazem com que seus perfis psicológicos e sociais sejam diferentes.

A história da protagonista é apresentada em dois blocos distintos e, em espelhamento, passado e presente constroem sua narrativa com a junção de duas tramas que a princípio parecem inconciliáveis, mas que são formadoras de uma só trajetória.

O duplo Himba e Sofia *Se o passado não tivesse asas*

Nessa construção que se dá em paralelo, somos apresentados, primeiramente, à história Himba, que se inicia no ano de 1994, e logo depois a de Sofia, que se inicia em 2012. A infância e a idade adulta da personagem se desdobram. nesses dois eus que ao longo da narrativa encontram-se em uma personagem.

Himba

Somos inicialmente apresentados a Himba, uma criança de 13 anos que vive com a família no Planalto Central angolano. O pai da protagonista é professor, nascido em Ganda, província de Benguela, e a mãe enfermeira, nascida no Chinguar, província do Bié. Himba cursava a sexta série, era boa aluna, frequentava a igreja católica, e ali, no Planalto, tinha uma vida calma e estruturada com os pais e os irmãos.

Sua infância é bem próxima à definida por Rousseau, influenciado por Locke, na qual a criança figura como um indivíduo inocente, e é essa pureza e inocência que conferem ao seu crescimento e educação a construção de seu caráter. Assim, a infância da protagonista, até então, é um momento de crescimento e inocência, no qual há um universo de pureza e fragilidade que envolvem tal vivência.

A tranquilidade da vida da família é afetada pela guerra civil, que invade sua comunidade, fazendo com que haja necessidade de fuga:

Era lindo no Planalto, com enormes rochedos cinzentos e negros emergindo como sentinelas gigantescas, do verde familiar do capim, das nakas abandonadas à beira dos rios, do mato rasteiro avançado por entre as cubatas vazias das aldeias. Abandonavam tudo porque mais uma vez a guerra chegou na terra deles. Já tinham tido muitos azares antes, com ataques e ocupações acompanhadas de mortes, violações, raptos e saques. A calma se instalava depois aparecia outro bando e as mesmas coisas se repetiam. Desta vez o pai disse chega, não aguento mais, vamos para a capital, lá temos família que vai nos ajudar no princípio, prometeram mesmo. (PEPETELA, 2016, p. 9)

Angola conquistou sua independência no dia 11 de novembro de 1975, com a assinatura do Acordo do Alvor entre os quatro intervenientes no conflito: governo português, FNLA, MPLA e UNITA. Embora tenha sido assinado pelas demais frentes de luta/partido, foi o MPLA que, aliado aos países socialistas, esteve à frente da negociação e, por fim, quem tomou o poder assim que o território se libertou de Portugal. Pouco

Renata Cristine Gomes de Souza

tempo depois teve início a guerra em Angola, que ocorreu entre 1975 e 2002, com pequenos intervalos.

A guerra civil foi uma luta pelo poder entre o MPLA, Movimento Popular de Libertação de Angola, a UNITA, A União Nacional para a Independência Total de Angola, e o FLNA, Frente Nacional de Libertação de Angola (posteriormente esses dois últimos partidos se uniram). Havia uma insatisfação desses partidos com a tomada de poder feita pelo MPLA e pela forma pela qual o país passou a ser regido.

Assim a vida de Himba é determinada por acontecimentos históricos. Na fuga do planalto o caminhão em que sua família está é atacado, nesse momento a personagem se perde de sua família e segue a pé em caminho oposto. Após encontrar ajuda, a menina é levada para a capital do país, Luanda. Lá Himba ainda nutre a esperança de encontrar a família, para tal procura ajuda em órgãos governamentais, que nada ajudam, Himba, então, passa a viver na rua.

Já nos primeiros dias dessa nova vida, a menina conhece Kassule, um menino que havia sido mutilado por uma bomba e que vive nas ruas de Luanda. A fome, a sujeira, o perigo, o abandono e a ajuda de Kassule a fazem perceber que nas ruas não há espaço para o medo e a fragilidade. Juntos, os amigos vão para Ilha de Luanda, onde também há muitas outras crianças separadas de suas famílias em razão da guerra. É nesse espaço que sua infância deixa de ser um período de aprendizado e crescimento e se torna um período de resistência e de sobrevivência. Ao lidar com a nova realidade, a personagem passa pelo seu primeiro processo de violação, a violação da sua infância e inocência. Esse movimento é definidor de suas ações futuras; partindo dessa necessidade a personagem aprende que, em Luanda, as escolhas devem ser muito bem calculadas.

A vida de inocência a que tinha acesso tem fim e a possibilidade de crescer e amadurecer aos poucos lhe é retirada. Na rua as crianças cuidam de si, resistem, lutam por sua comida, e procuram formas de continuarem seguros, assim Himba se afasta da figura de criança, que prevê uma inocência e certa dependência, como podemos ver no trecho a seguir:

A desilusão é a pior coisa para uma criança e ela era ainda uma criança. Himba já não se considerava como tal, mas Luemba era mesmo, pela idade e pela experiência de vida. (...)
Dona Isabel pousou a quinda com o feijão, puxou Luemba pelo braço e a pôs no seu colo. A menina se aninhou, como um passarinho junto a mãe. E Himba teve saudades de outros tempos, em que tinha sempre

O duplo Himba e Sofia *Se o passado não tivesse asas*

um colo a sua disposição, mesmo quando era maior.(PEPETELA, 2016, p.156-157)

Ao proteger a inocência de Luemba, Himba demarca sua experiência adulta, pois ela passa a cuidar de alguém que ainda não foi corrompido. Himba já não se reconhece como criança porque já perdera a inocência, porque já pensa e tem uma vida de um adulto. Com a separação da família e a miséria em que vivem, as crianças órfãs em razão da guerra passam a lidar com a fome, e precisam proteger o próprio corpo, que não tem mais morada e proteção dos pais. Ao fim da citação, podemos notar que Himba sente saudade da sua vida anterior, a da infância, e o que ela lhe oferecia. Voltando à definição de Rousseau, podemos afirmar que ela ainda é uma criança que teve mudanças causadas pelo seu meio. Há ainda um desejo de inocência que parte da personagem que não pode ser concretizado.

Além de Kassule, uma outra personagem influencia muito a forma como Himba passa a ver a vida e a conhecer o ambiente em que agora vive. Madia é uma menina um pouco mais velha, com quinze anos, que foi violada diversas vezes por garotos mais fortes, também moradores de rua. Madia apresenta a sua realidade para a protagonista, que é a realidade das meninas na rua, onde a violação acontece diariamente. Ali onde já não se parece ter domínio de nada, os meninos mais velhos e mais fortes contam com a força bruta para violar as meninas que vivem na rua, como uma das formas de demonstração do seu poder. É essa personagem que vai mostrar para Himba que as escolhas devem ser feitas a partir do que é mais suportável, do que pode ser menos doloroso. A situação em que as personagens são expostas revela uma condição de dupla opressão. Segundo Spivak a mulher pobre em um país colonizado está em uma dupla condição de subordinação:

(...) apesar de ambos serem objetos da historiografia colonialista e sujeitos da insurgência, a construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina. Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade. (SPIVAK, 2011, p.85)

Traçando um paralelo, pensemos na condição de rua como um espaço com pessoas subalternizadas, assim como os países colonizados. Nas ruas homens e mulheres vivem em uma situação degradante, mas há uma diferença entre a experiência de ambos:

Renata Cristine Gomes de Souza

os meninos menores apanham dos bandos e dos mais fortes, as meninas são violadas. As crianças-mulheres trazidas no romance têm seu corpo violado, assim Madia e Himba encontram-se na obscuridade problematizada por Spivak, e para sobreviver entregam-se à obscuridade.

Segundo Foucault “o poder não é algo que se adquira, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis” (FOUCAULT, 1999, p.89). Em razão do poder obtido pela força física, os bandos, formados pelos garotos mais velhos, criam a ideia de que as crianças mulheres ali lhes pertencem. Com o uso desse poder, os meninos mais velhos submetem as meninas para suprir um prazer e para demarcar sua posição de comando no espaço.

Dois seguraram com força as pernas que se debatiam, mas foram afastadas.

O terceiro ficou a observar divertido os esforços de Kassule, se arrastando pelo chão, para chegar à muleta.

O maior se deitou por cima da menina e violou-a. Os gritos dela se confundiram com os de Kassule. Depois se revezaram os quatro, seguindo uma hierarquia de grupo, e ela já não gritava, só chorava. Também Kassule, deitado no chão em posição fetal, virado para não ver.

Os quatro deixaram os dois com seus soluços e foram embora, a contar vitórias e heroísmos. (PEPETELA, 2016, p. 89)

Depois de ser violada, Himba convive com o medo e a necessidade de ter o mínimo de segurança, e, para que se sinta protegida, Himba se junta a um bando, que protege também Luemba e Kassule. A personagem é agregada ao bando através da servidão, quando desempenha o papel de esposa de Tobias, chefe do bando. Assim como muitas mulheres, pela sua sexualidade, e em virtude da força simbólica e social de um homem, Himba consegue proteção. A consciência da vulnerabilidade e do que deve ser feito, mesmo que a um grande custo, mostram diferença dessa infância, que mais uma vez rompe com a ideia de inocência.

Himba, no seu recato solitário, contemplando o mar evitava pensar no assunto. Tinha medo de o fazer. Talvez porque achava bem a vingança de Tobias, a envaidecesse tanta devoção. Seria mesmo devoção ou só ciúme? Talvez porque não queria julgar. Apenas. A vida é dura e os fortes usam a força. Até outros mais fortes mostrarem que os fortes são fracos. Sucessivamente. Uma fileira enorme de fraquezas e forças, ondulando sem sentido. As formigas eram diferentes, seguiam umas atrás das outras. Se algo interrompiam elas se desorientavam e

O duplo Himba e Sofia *Se o passado não tivesse asas*

espalhavam imediatamente. No caso das forças e das fraquezas, não havia desorientação, corridas para aqui e para ali, choques cabeça contra cabeça, era tudo mais linear, o mais forte devorava o mais fraco até ser devorado por um mais forte, numa verdadeira cadeia alimentar. Ideias que vinham de aulas ou livros ou conversas, não sabia, mas eram abstratas e ela fazia os possíveis para essas ideias não pousarem nunca sobre factos concretos ou pessoas reais, eram só ideias vogando no espaço. (PEPETELA, 2016, p.198)

Nas ruas só os que se adaptam são os que se tornam adultos-crianças. A relação que a personagem vive com Tobias é muito parecida com a situação de diversas mulheres hoje em nossas sociedades, com relacionamentos que se mantêm porque os homens trazem a segurança, são os provedores, assim Himba passa a ser intocada, figurando como uma propriedade do “marido”. Embora Himba se afeiçoe a Tobias, a menina tem consciência de quanto é degradante a situação de total dependência e submissão às vontades do “marido”:

A tal defesa que se forma inconsciente usava para não ter de tomar posição sobre as makas perturbantes dos últimos dias. Lealdade para com o homem que decidira ser o escudo de proteção dos dois, três, quando Luemba vivia com eles. Três pequenos eram um peso grande para um bando naquela altura, exigira trabalho dos mais crescidos, devia estar sempre grata. No entanto, outros sentimentos se misturavam, submissão com sentido de libertação, mágoa por se sentir usada, abusada, subjugada. Vergonha de se deixar dominar, também muita vergonha. (PEPETELA, 2016, p.220)

Após viver na rua, Himba vai para um abrigo viver com Kassule e outras crianças. Lá tem outras oportunidades de crescimento e estudo, dos quais faz proveito, Himba se adapta a nova vida e suas ações refletem o tempo em que viveu nas ruas. O próximo tópico pretende tratar de como as escolhas e os modos de vida da Himba adulta, ou seja, Sofia Moreira são o resultado das vivências e opressões da infância.

Sofia

Ao mesmo tempo que conhecemos Himba, somos apresentados a Sofia. As duas vivem em espaços e tempos diferentes de uma mesma cidade e suas experiências em Luanda parecem divergir. Vejamos a seguir a apresentação inicial da personagem:

Renata Cristine Gomes de Souza

Sofia Moreira levantou a voz, irritada com o jovem parecendo molengão, estás a demorar demais, tenho trabalho. Ela era normalmente paciente, uma de suas qualidades. Tivera de esperar muito por uma oportunidade, mais que o cão pelo dono. O tempo passou e passou, nada de relevante acontecia nos últimos anos, depois de uma infância demasiado agitada e uma adolescência mais calma. Estudou um curso médio. Experimentou alguns empregos, onde aprendia sempre um pouco, mas não se entusiasmava, arranjava o primeiro pretexto para o abandonar. (...)

De repente aconteceu, uma espécie de aposta arriscada, por que não tento fazer aquilo de que gosto afinal? Os conhecimentos antigos até podem ajudar, mesmo se de forma indireta. Acertou na aposta, mudando de ramo. Hoje, beirando os 30 anos, tudo se afigurava diferente. A inauguração de um apartamento novo poderia parecer pouca coisa. Era, porém era a primeira vez na vida. (PEPETELA, 2016, p. 20-21)

Sofia é apresentada com uma mulher trabalhadora, que sozinha conquistou uma vida confortável a partir de oportunidades, que demoraram para surgir, e de uma vida que construiu para si. Sua colocação no restaurante e o papel fundamental no crescimento do estabelecimento mostram como a personagem é articulada e apresenta uma visão de crescimento. O início de sua narrativa mostra como ela analisa bem o ambiente e consegue ver possibilidades de adaptação e melhora.

Sua vida parece ser contrária à de Himba: enquanto a história da criança caminha para a degradação, a história de Sofia caminha para o sucesso. Sua trajetória no romance tem início no ano de 2012, dez anos após o fim da guerra civil.

Sabendo já que Sofia em sua infância era Himba, o que se espera dela é uma atitude heroica, depois de toda dor que passou. Segundo Fernando Chuí, o herói é amado pela sua dor e por como supera essa dor fazendo o bem, partindo disso a trajetória de Himba-Sofia seria perfeita. Sua construção quebra a expectativa do leitor, pois a princípio vemos uma guinada heroica, na qual o indivíduo cresce a partir do seu próprio mérito. Porém, ao longo da narrativa, notamos que há desvios na busca desse mérito. Suas ações são de um “sobrevivente que assimilou a corrosão produzida pela metrópole, gerando uma retração individualista que esteriliza os projetos coletivos e utópicos.” (GOMES, s/d). Embora haja de forma individualista, seus desvios são socialmente explicados.

Em sua tese, publicada em 2003, Robson Dutra afirma que “os últimos romances de Pepetela assumem a distopia do cotidiano angolano, repensando, criticamente, um sem número de transgressões que tomou conta do país.” (DUTRA, 2003, p.16). Sofia é uma personagem que tem sua vida definida pelos danos que o pós-guerra e a guerra civil causaram à população.

O duplo Himba e Sofia *Se o passado não tivesse asas*

Sofia é um produto da história do país, que se adaptou, retomando o termo de Gomes, a partir da percepção de que nessa sociedade ela teria que tomar ações individualizadas para seguir. A partir do momento em que se vê na rua e sem possibilidades de esperança, ela começa a agir de acordo com a sua necessidade, visando sobreviver e viver da melhor forma possível.

Ao longo do romance outras nuances da personagem são apresentadas, sendo uma delas o seu silenciamento. Nem com os mais próximos Sofia fala de sua vida pessoal, não parece ter amigos e/ou relações próximas – a não ser com o irmão Diego –, vivendo para o trabalho e seu sonho de ascensão através dele. A personagem não fala do resto da família e sobretudo do passado. Há com isso uma fuga, ou mesmo uma vontade aliada à necessidade de se desligar dessa vida anterior. Sofia é uma sobrevivente dessa guerra, que tem no silenciamento uma forma de não retomar as histórias de um passado violento. Não mencionar o que já foi vivido é seu modo de seguir adiante. Embora seja o passado o construtor de sua visão e adaptabilidade, Himba e Sofia habitam universos totalmente diferentes, os silenciamentos atuam como uma barreira que divide esses dois momentos da vida da personagem, entre o que deve ou não ser lembrado, o que ainda deve ser vivido e o que deve/precisa ser esquecido.

Rita Schmidt afirma que “os estudos literários podem articular o seu papel educacional com uma função social de relevância na medida em que abrirem o campo da reflexão e crítica às formas de silenciamento, de exploração e destituição do humano” (SCHMIDT, 2008, p. 139). A negação ao passado e o esforço em fazer com que não haja nada dele no presente mostram quão grande é o trauma da vida anterior. Por mais que a personagem consiga ter uma vida totalmente desligada de seu passado é também pelos silenciamentos que as lembranças ainda mostram-se na vida de Sofia.

Ao se afastar do passado, a personagem nega uma relação com o que foi vivido. Na sua nova vida de ascensão não há mais espaço para o que deixou para trás. Em razão do trabalho e da confiança que conquista, a protagonista passa a conviver com pessoas ricas e com alto poder social. Sofia sente-se distante dos clientes poderosos, mas aos poucos fica mais próxima do grupo, mesmo que veja a clara diferença entre eles. Vejamos o trecho a seguir:

Sofia tinha sido aceite pelo grupo e esqueciam que ela também não era herdeira de coisa nenhuma, nem princesa e nem sequer colunável. Ela percebeu ser de outro mundo, mas por momentos tentou ignorar e se sentir também nascida em família rica, desconhecendo de onde vinha o

Renata Cristine Gomes de Souza

dinheiro. Não durou muito o faz de conta, caiu na realidade. (PEPETELA, 2016, p.140)

Com a inserção de Sofia nesse grupo vemos duas facetas do homem da Angola de hoje: Sofia, pertencente à classe média, e os milionários, filhos daqueles que lucraram com a independência. E é nesse novo espaço, compartilhado por pessoas privilegiadas, que ela precisa agora se adaptar; por mais que veja a diferença entre ela e os outros, o afastamento e a negação do passado é primordial, pois o que Himba viveu ressalta a diferença.

Com Sofia tendo uma vida de ascensão, espera-se que ela corresponda ao modelo de herói, seja incorruptível, forte, íntegra e que, por mais que tenha passado por uma série de percalços, isso seja superado com uma conduta de força e bondade. O leitor espera tal posicionamento porque procura um tipo de personagem. A tipificação faz com que esperemos que os personagens obedeçam ao padrão de determinado grupo. Stuart Hall afirma que:

De acordo com esse argumento, então, os limites simbólicos são centrais para toda a cultura. A marcação leva-nos, simbolicamente, a cerrar fileiras, fortalecer cultura e estigmatizar qualquer coisa que seja definida como impura e anormal. No entanto, paradoxalmente, também faz com que a diferença seja poderosa. (...) Assim o socialmente periférico está, com frequência, simbolicamente centrado. (HALL, 2011, p.157)

Comumente, se espeque que uma protagonista siga um determinado modelo social, representando seu grupo, que minimiza o sujeito e tira deles particularidades, construindo um estereótipo do qual Sofia escapa. Nesse caso temos uma diferença na política de representação do personagem com uma flutuação do tipo representado. A construção do personagem assemelha-se ao indivíduo pós-moderno, pois há nuances diferentes na sua construção. Maria da Glória Bordini afirma que

O indivíduo moderno pós-moderno, portanto, vive imerso em situações de crise, das quais o choque se torna tão habitual que o desestabiliza em relação tanto a si quanto aos outros. (...) Christopher Lash fala em atitude sobrevivencialista como a de alguém que, exposto a um ambiente atroz, recolhe-se para um “mínimo eu”, a fim de manter-se vivo (Lash, 1984). (BORDINI, 2007, p.54)

A vida de Sofia muda, mas o mundo ao seu redor permanece o mesmo, assim a sua forma de viver vai obedecer a aquilo que a sociedade mostra ser possível. Ao fim do

romance Sofia age de forma enganadora para tornar-se proprietária do local em que trabalha, sem considerar que a dona deixara dois filhos, um com problema mental e um que estava já fora do país. Não há por parte dela a intenção de transmitir essa herança, conduta que é condenada pelo irmão. Sua escolha é um reflexo do que viveu e replica escolhas feitas no passado: o que é necessário fazer para se manter no ambiente em que se encontra? Como se manter segura na sua posição?

O jornalista Rafael Marques afirma em uma entrevista que a corrupção é a forma que muitos encontraram para sobreviver em Angola: “As pessoas, em determinada altura, passaram a acreditar que a corrupção era um modo de vida.”(MARQUES, Rafael. Apud: MANTOVANI, 2012, s/p). Sofia aproveita-se das oportunidades que lhe aparecem, mesmo sendo eticamente duvidosas. Em uma resenha sobre o romance, Sheila Jacob afirma que:

O diálogo final, entre Sofia e Diego, é forte e muito significativo, pois, apesar de denunciar atitudes individualistas por parte da irmã, nos apresenta um personagem que, mesmo carregando tantos traumas do passado, diz não à inevitabilidade da corrosão moral pela ambição e dos jogos mesquinhos de poder. “Outros sofreram tanto como tu e continuaram honestos e dignos. Humanos... O país é de todos e não deve ser culpado pelos erros dos seus filhos” (p. 371), ensina a Sofia. (JACOB,2017, p.157)

Mais uma vez ela repete o tipo de escolha que fez quando ainda era chamada de Himba, fez o que tinha que fazer para se manter bem onde está. Ao fim do romance vemos que a própria personagem explica as suas escolhas, atrelando ao seu passado e à história do país, como podemos ver a seguir em um diálogo com Diego:

- Preciso mesmo. Não posso conviver com a ganância ou resultado dela. Não vou ser um escravo dessa ditadura da ganância, que parece ser o nosso destino. Outros sejam escravos. Eu sou diferente.
- Eu sou o que fizeram de mim. O teu país.
- Outros sofreram tanto como tu e continuaram honestos e dignos. Humanos... O país é de todos e não deve ser culpado

A protagonista procura sempre proteger a posição que ocupa, assim como protegeu seu corpo em uma relação abusiva, ela defende sua posição social com escolhas condenáveis, tendo a consciência de que só assim consegue manter-se onde está. Sofia, seu modo de vida e suas escolhas são um produto da história. É o que a Angola independente pode fazer, seu modo de construir o sucesso é também corrupto como o país e suas escolhas são fruto do que o país pôde construir.

Referências

AGUALUSA, José Eduardo. **Guerra e Paz em Angola**. In: <<http://www.cccb.org/rcs_gene/agualusa-portu.pdf>>

ARAÚJO, Kelly Cristina Oliveira de. “‘Um só povo. Uma só nação.’ **O Estado e a diversidade cultural em Angola (1975-1979)**”. Texto disponível em <http://www.ueangola.com/criticas-e-ensaios>.

BENOT, Yves. **Ideologias das independências africanas**. Lisboa: Sá da Costa/Luanda: INALD, 1969.

BORDINI, Maria da Glória. “Crises pós-modernas e o fim das utopias: o lugar da literatura”. In: HELENA, Lucia. **Literatura, intelectuais e a crise da cultura**. Rio de Janeiro: Contra Capa; Brasília: CNPq, 51-63, 2007.

CURY, Maria Zilda Ferreira. “Poéticas da precariedade”. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. N. 41. Brasília, jan/jun 2013.

DUTRA, Robson. **Pepetela e a elipse do herói**. Tese (Doutorado em Literatura) - Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Org. Arthur Ituassu; Tradução Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Apicuri, 2016.

HOBBSAWM, Eric J. **A era do capital**. Tradução de Luciano Costa Neto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JACOB, Sheila. “Estórias que a história tece”: reflexões a partir do romance *Se o passado não tivesse asas*, de Pepetela. **Anais do VII Sappil**, 2017.

JACOB, Sheila. Resumo. Resenha do livro: PEPETELA. *Se o passado não tivesse asas*. **Revista Mulemba**, 2017.

MUNANGA, Kabenguele. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1986.

PEPETELA. **Se o passado não tivesse asas**. Lisboa: Dom Quixote, 2016.

O duplo Himba e Sofia *Se o passado não tivesse asas*

PUREZA, José Manuel. “A turbulência das zonas de fronteira: estereótipos, representações e violências reais”. In: Ribeiro, António Sousa (Org.). **Representações da violência**. Coimbra: Almedida, 2013.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Centro e margens: notas sobre a historiografia literária. **Revista de Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n.32 julho/dezembro 2008.

Recebido em março de 2021.

Aceito em junho de 2021.